

ELES SOMOS NÓS

Júlio Carlos Alves

Almada, Portugal - 2019



Título: ELES SOMOS NÓS
Autor: Júlio Carlos Alves
Editora: Edições Hórus
Impressão e Acabamentos: Edições
Hórus Distribuição: Edições Hórus
Revisão: Cláudia Luzia dos Santos
ISBN: 978-989-8984-19-7
Depósito legal: 461448/19

SITE: www.edicoeshorus.com

FACEBOOK: [edicoeshorus2](https://www.facebook.com/edicoeshorus2)

INSTAGRAM: [horusedicoes](https://www.instagram.com/horusedicoes)

SKYPE: [edhorus](https://www.skype.com/people/edhorus)

WHATSAPP: [00351968487291](https://www.whatsapp.com/business/profile/00351968487291)

CONTACTO: 968 487 291

EMAILS: edhorusoriginais@gmail.com

edicoes.horus@gmail.com

Todos os direitos reservados.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico, ou por meio de gravação, nem ser introduzido na base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado – além do uso legal como breve citação em artigos e críticas – sem prévia autorização do autor e editora.

O impossível é uma mentira inventada
para te fazer desistir de seus sonhos”

DEDICATÓRIA:

Dedico este livro ao meu neto Théo, a todos os familiares,
amigos e leitores.

“Saudades velha canção
Saudades sombra de alguém
Que os tempos só levarão
Se me levarem também. “

SINOPSE

“O impossível é uma mentira inventada para te fazer desistir de seus sonhos”

A frase acima define perfeitamente a natureza da narrativa do livro *Eles Somos Nós*. Nós humanos, desde o nascimento, temos a missão e única certeza de vivermos para transferir os nossos conhecimentos às próximas gerações e prolongar ao máximo a vida. Aprendemos cedo, e levamos para toda a vida, que a segurança dos sentidos, tato e visão, sobrepuja qualquer outra forma de realidade, esta certeza está arraigada desde os primórdios da essência humana.

A ficcionária história dos três jovens simples inicia ao perderem tudo o que consideravam vital e importante. Por um longo período viveram o caos reservado pelo destino, as inúmeras adversidades enfrentadas os levaram a uma viagem muito além das amarras que os prendiam a tudo que acreditavam, entretanto não perderam as esperanças na difícil jornada que expôs a cada um deles uma nova forma de compreender a realidade.

Especialmente para o jovem Tom, o escolhido, que recebeu um presente vindo do futuro, transformou o seu destino e a sua realidade contradiz completamente a retórica dos sentidos como os conheciam nas teorias, principalmente quando o seu segredo, escondido em seu universo celular, foi revelado em um laboratório e exposto ao mundo. Seu corpo físico passou a ser desejado para aprofundar as pesquisas. Com a grande repercussão dos fatos eles

acabaram impiedosamente perseguidos por governos, imprensa e grupos radicais, envolvendo religiosos e grandes manifestações, tornando o mais novo dos irmãos refém de sua própria existência. O farol da ilha de Casco Egresso foi o abrigo perfeito encontrado na fuga, porém as recordações do bucólico vilarejo de Vale del’Oro, as tradições e a fé na Santa Virgem de Guadalupe foram o alento dos jovens nos momentos difíceis. Tom ficou anos em estado catatônico e esteve sempre amparado pelo generoso irmão, Pepito, e pela carinhosa amiga Anely. O realce dos sentimentos mútuos dos três jovens, diante dos meandros do novo mundo, fizeram florescer paixão e cumplicidade que os unirão para além do tempo.

“Estamos para o futuro como os símios estiveram para a transição com os primitivos Neandertais, evoluindo, iniciando os primeiros avanços. Serão necessários dezenas de milhares de anos para o homem dominar o tempo, os elementos, o mundo em sua grandeza do microcosmo e macrocosmo e compreender sobre a manipulação das leis da física a favor do universo. “

Luis Henrique Alves

CAPÍTULOS

1. OLHAR SOBRE O NOVO MUNDO
2. ONDE NASCEM AS LUZES
3. O MARCADOR DO TEMPO
4. ALIENAÇÃO
5. LIMBO DE SEIXOS
6. BELEZA EFÊMERA
7. NO LIMIAR DA VIDA
8. TOQUE DIVINO
9. SENHORES ABSOLUTO
10. DECISÃO INFINITA
11. BÚSSOLA DO TEMPO

Seguindo a ideia de Demócrito, filósofo da antiguidade, que dizia ser possível dividir todas as coisas em partes, até a menor possível. O homem enfim conseguirá, no futuro longínquo, enxergar além, olhar para o interior, unir-se como um só e, ao se reinventar, uma inspiração divina permitirá decodificar a chave do microcosmo e proporcionar o entendimento sobre as arestas existenciais, neste instante todas as portas se abrirão e tudo estará ao seu alcance. Pela primeira vez será possível olhar... além!

Os primeiros capítulos do livro escrito pelas antigas civilizações ainda permanecem perdidos e incógnitos, a maior parte das descobertas ainda não formaram decifradas e, sem uma forma de transferir os conhecimentos ancestrais, ficou uma enorme lacuna perdida no tempo.

No momento em que perdemos os antigos registros de cultura, sociedade e linguagem, perdemos a própria história.

Importantes teóricos dos antigos construtores especulam sobre o objetivo dos misteriosos monolíticos espalhados pelo planeta, as aparições e relatos de outros seres inteligentes, sobre o exímio domínio arquitetônico empregados nas magníficas catedrais e a ampla iconografia deixada esculpida em forma de arte pelas antigas civilizações, sobre as quais não existe um consenso, ainda estamos descobrindo a história de nossos ancestrais e, a história real pode ser ainda mais surpreendente do que imaginávamos.

Não seria descabido descobrirmos que somos descendentes de povos ainda mais antigos do que aprendemos nos livros ou exames em laboratórios possibilitam apontar e, possivelmente, existiram civilizações muito mais avançadas tecnologicamente em diversos aspectos que habitaram o planeta em determinado período, misteriosamente desapareceram e, infelizmente, não foram capazes de transmitir e perpetuarem seus conhecimentos.

O fato é que todo o conhecimento foi perdido e as gerações subsequentes obrigadas a, novamente, dar os primeiros

e difíceis passos no aprendizado do princípio. Por esta razão, vez ou outra surgem novas descobertas que contrapõe completamente as teorias conhecidas, muitas delas adotadas como absolutas pela atual sociedade.

A evolução é uma antonomásia que se originou no eufemismo do tempo, naturalmente seletivo, ser o principal fator do aperfeiçoamento ou recombinação genética. Estamos para o futuro como os símios estiveram para a transição com os primitivos Neandertais, evoluindo, iniciando os primeiros avanços, serão necessários dezenas de milhares de anos para o homem dominar o espaço/tempo, os elementos, o mundo em sua grandeza microscópica e macroscópica e compreender sobre a manipulação das leis da física a favor do universo.

Lá está ele em sua cadeira de rodas, como todos os dias, com olhar fixo observando um antigo quadro pintado a óleo na parede, uma bela paisagem, ao fundo um fecho de luz que representava perfeitamente a harmonia entre as sombras e as nuances de cores ao estilo do impressionismo. O senhor procurou prever os próximos momentos, olhou para o relógio e preparou-se relaxando os ombros, os braços, até movimentar levemente os pulsos e aguarda ser levado novamente aquele lugar totalmente diferente. Guiado pelas lembranças, revive novamente o primeiro momento estranho em nítidos detalhes.

Sentado sobre o maior platô de pedras, com seus pés balançando no ar, tomado por uma mansidão assustadora, do alto era possível visualizar todo o vale que poderia ser descrito como um campo verde cortado por uma linha tortuosa ao centro, feito um caminho de vegetação rasteira e colorida, aquela trilha parecia interminável, ao fundo o relevo do terreno e as árvores maiores espalhadas, de tempo em tempo eram iluminadas por um breve e intenso fecho de luz, que iniciava em um ponto à direita de sua vista e percorria todo o vale, atingia seus olhos até sumir à esquerda no horizonte, proveniente de um ponto alto e fixo nas longínquas escarpas, sua iluminação, quando movia-se, deixava perceptíveis ao fundo múltiplos reflexos de cúpulas em formato e transparência semelhantes a gotas de água, que pairam ao longe sobre o manto verde. Extasiado pela sublime beleza peculiar, sua atenção é desviada pelo ponto negro que passou rápido diante de seus olhos.

Confuso, a princípio imaginou se tratar de um inseto, porém o ponto escuro fez um pequeno círculo ao redor de sua cabeça e em zig e zag repentinamente parou, flutuando sobre a ponta de seu nariz. Era possível analisar melhor aquele estranho inseto, com formato esférico, menor que uma semente de mamão, totalmente negro e brilho intenso que lembrava uma superfície tipo *black piano*, não tinha como identificar olhos ou asas, a pequena esfera negra continuou seu voo circular ao redor de sua cabeça outras duas vezes, porém sempre retornando ao mesmo ponto, pairando sobre o seu nariz. Intrigado ele decidiu capturá-la, devagar levantou a mão direita até a altura da orelha, deixando-a aberta e, olhando fixamente o suposto inseto, deu o bote fechando os dedos no ar a toda velocidade.

Certo de tê-lo capturado, ainda forçou testando o punho cerrado. Ao levantar a cabeça espantou-se ao ver aquele ponto negro novamente à sua frente, inerte sobre o seu nariz. Cautelosamente abriu, dedo a dedo, até constatar que nada havia na palma da mão aberta. Sua reação foi um sorriso de constrangimento.

A bolinha negra aguardou o menino respirar fundo, fez um movimento rápido à direita, parou a cerca de quatro palmos e explodiu em minúsculos fragmentos, dispersos continuaram a desafiar a lei da gravidade, logo agruparam-se formando uma perfeita espiral, desfizeram a formação e, em segundos, reagruparam-se agora para formar algo parecido a dois “L”, um defronte ao outro, as pontas maiores em movimento simultâneos

em direção ao centro se encontraram dando a similaridade de um triângulo. Voltou a forma de pequena esfera, agora na cor lilás vibrante, próximo ao seu rosto explodiu para reagruparem-se na forma geométrica de um retângulo, similar a uma folha de carbono transparente com relevos em 3D, simulando em sombras o rosto humano sorrindo. Num piscar de olhos o objeto desapareceu como quando surgiu.

– Incrível! – Pensou o menino. – O que será isso, que lugar é este?

Estranhamente aquele lugar trazia-lhe um aconchego quase familiar.

Em algum lugar deste universo nasce uma vida, ela chegou anunciando sua vitalidade, sua doçura transparente, sua gentileza, sua esperança e amor incondicional ao velho mundo e, neste mesmo exato momento, a alegria estampada em sorrisos sinceros escondem as razões para as mágoas e decepções. Em algum lugar distante estranhamente acontece o oposto: uma vida termina. Sobre o topo de um alto edifício um adolescente olha para o céu, diz algumas palavras, calmamente caminha sobre o parapeito e salta no vazio. No local da queda logo se forma um aglomerado círculo de curiosos, todos perplexos e indignados e cada qual com sua opinião sobre a possível causa do fato.

– Vidas são frações de momentos e percepção do tempo, a maioria das pessoas as deixam escapar despercebidas, alguns com maior intensidade do que outros.

A história de Tomás Juan Gonzalez ou simplesmente Tom é exatamente idêntica a de muitos outros garotos nascidos e criados no interior com simplicidade. Seu pai Javier Gonzalez, homem de aparência rude e sofrida, seu chapéu de abas largas não esconde as marcas no rosto deixadas pela exposição continua ao sol, trabalhava como administrador do único cemitério em Vale del’Oro, um vilarejo afastado da capital Nuevo Aguador e acumulava entre outras funções a de tratador de cavalos. Sua mãe

Mercedes Guadalupe Gonzalez, senhora com traços finos, corpo esguio, em épocas de colheita cuida das crianças cujas mães estavam nos campos de girassóis e algodão. Para completar a família, o irmão mais velho José Miguel Gonzalez, o Pepito, menino mirrado de olhos negros, cabelos lisos e negros com a tez mais escura comparada a dos pais, acredita-se que sua compleição física se deu pelo fato de ter vindo ao mundo com sete meses e próximo a tradicional festa da *fertilidade*.

A vida pacata na penúria do pequeno vilarejo a tornou um oásis de tranquilidade quando comparada ao início nos tempos do ouro. A descoberta trouxe famílias, trabalhadores, aventureiros, prostitutas e desocupados que chegavam em busca de riqueza fácil. Na rua principal, que terminava na igreja de Santa Luzia, foram sendo erguidos os prédios de madeira alinhando a mercearia, a carpintaria com a estribaria, onde as carroças eram concertadas, dividia o espaço com o ferreiro e hospedaria de animais, o restante foi sendo preenchidos, ao longo de anos, com o Banco Federal e bares conhecidos como “el inferniños”, eles abriam preferencialmente à noite para acolher os garimpeiros com farta bebida, jogatina e mulheres. As disputas ocorriam por motivos tolos, infladas pelo álcool e ganância, muitas terminavam em assassinatos.

A ordem pública (delegacia) e o cemitério foram os últimos a serem incorporados à estrutura do vilarejo. Após décadas de riqueza, a exploração deu sinais de escassez na extração do metal precioso. O primeiro a senti-lo foi o Banco

transferido para próximo da Capital e, este fato, acelerou o processo de emigração em massa. Por fim restou um cenário desolador com ruas completamente vazias, casas e comércios abandonados, apenas o padre e quatro famílias de persistentes aventureiros tornaram-se moradores. Eles demarcaram território, criaram gado, cultivavam batata, girassóis, milho e algodão. Assim renasceu o vilarejo de Vale del'Oro.

Pepito e Tom eram inseparáveis, a brincadeira frequente dos meninos era a caça ao tesouro, assim eles percorriam cada boca do vale e identificavam cada uma das minas abandonadas por nomes específicos. Em uma delas Pepito encontrou outra pequena granula de ouro quando rebuscava a terra da caverna, a pedra era tão pequena quanto um grão de arroz.

Ele gritou e o irmão imediatamente aproximou-se para verificar, a alegria de ambos foi imediata, os olhos se cruzaram e esta era a senha que esperavam. Quase que sincronizados, puseram-se a correr como se estivessem apostando uma corrida pela vida. Da boca do coioote atravessaram o campo de girassóis, onde estático estava o espantalho Ferdinando , em direção ao cemitério, passaram pelo Varal das almas sempre em disparada, segurando os sombreiros , algumas vezes era Tom que assumia a dianteira outras Pepito, apenas deixando para trás um *sendero* de poeira, juntos entraram na rua principal, Tom tropeçou e foi ao chão rolando, o irmão mais velho para repentinamente para ajudar e ouve:

– Eu estou bem vai, vai, vaiiii... – Gritou Tom ainda se limpando sentado no chão.

Pallo, o ferreiro, e o padre Martinho, estavam sentados no banco da delegacia, como de costume, onde era o local mais fresco nesta hora do dia e acompanharam o esforço do menino que correndo atravessava toda a rua em direção à igreja, enquanto se distanciava do irmão ainda se recuperando da queda. Antes de chegar à porta da igreja, sem parar, fez o gesto do sinal da cruz e adentrou a grande porta com passos largos.

– Pueri infidelibus! Esses meninos pensam que a casa de Deus é um quintal sem dono! – Disse em tom áspero o padre ao ferreiro.

O menino ainda ofegante, ajoelha-se diante do altar onde repousa a imagem da santa, abaixa a cabeça e estende os braços sobre a cabeça em sinal de oferenda. Tom chega e, ao lado, repete os gestos do irmão. Ainda tomando fôlego Pepito diz com os olhos cerrados:

– Obrigado minha Santa Virgem de Guadalupe. Obrigado! – Repetiu também o irmão.

Em casa, no quarto, Pepito arrasta o móvel alguns centímetros da parede e tateando a saliência da base apanha um saquinho feito para transportar relógio, o abre e deposita a pepita. Espia ligeiramente o seu interior, sorri e o coloca no mesmo lugar secreto, da mesma maneira que sempre esteve. Suspira fundo e sai satisfeito que o esforço valeu a pena.

Sentados na mesa da cozinha, esperando a mãe servir a refeição, enquanto os irmãos cochicham.

– Quanto tiver muitas pepitas eu partirei irmão, irei muito longe daqui para nunca mais retornar. Para o lugar onde irei tudo é possível! – Disse Pepito.

– Onde é esse lugar Pepito, lá tem doces? Tem lagos e muitos carros? – Perguntou querendo saber mais sobre as pretensões do irmão.

– Sim, eu vi esse lugar e ele existe, estava no papel trazido pelo professor *gringo*, eu mexi nas coisas dele e encontrei.

– Pepito, você está falando do velho louco que desapareceu? – Falou Tom indignado em voz quase inaudível.

– Sim. E ele não era louco. – Encerrando a conversa, enquanto a mãe colocava a panela na mesa perguntou:

– Estão cochichando, lavaram as mãos?

Ambos acenaram, quase sincronizados, com a cabeça negativo e positivamente.

– “Agora” comam meninos, hoje é dia da guarda de seu pai, ele irá chegar a noitinha. Disse Mercedes. Tom olhou para o irmão e, após se certificar que a mãe se afastara, apressadamente alimentou o lagarto e o lêmingue¹ cego, espécie de pequeno roedor, que posicionado aos seus pés esperavam ansiosos sob a mesa.

¹ *Lêmingue* ou lemingo, é o nome de um pequeno animal roedor.

Os afazeres no final do dia eram divididos entre os irmãos, Tom tirava água do poço, transferia à uma tina e carregava até um tambor na cozinha, enquanto Pepito trancafiava os animais no galinheiro, no curral e apanhava gravetos para o fogão.

No ponto alto do rochedo, com encosta bem acentuada existia um espaço natural na rocha usado como cafuá, a reentrância com base plana e o teto arredondado formava um confortável abrigo, este era o lugar preferido dos meninos para estar ao cair da noite, o difícil acesso recompensava-os com uma bela vista e proteção.

No lugar coberto por uma camada fina de poeira armazenavam tudo que necessitavam para, se preciso, passar a noite.

Dois bancos entalhados na parede saliente do rochedo voltados para o vale, um pouco acima uma pequena imagem sacra esculpida em destaque, no chão do abrigo, ao fundo, dois pedaços de panos retangulares estendidos ao centro, do lado direito estava um pequeno *candelero* com vela, uma cesta de vime com pães, abacates, *yacas*, pimentas e *chirimoyas*. O cheiro forte indicava alimentos em processo de deterioração com aparência de estarem expostos ao tempo há alguns dias, do lado oposto dois recipientes metálicos, um deles com um pouco de licor de Jabuticaba e o outro contendo água.

– Solte o Lilo e venha me ajudar aqui, Tom. – Disse o irmão ainda ofegante da subida, iniciando a organização do lugar.

Ofegante e atrasada chegou Anely trazendo a tira colo uma bolsa feita de pano.

No chão o lagarto fez aquele som peculiar e correu para sua toca.

– Que vista linda, daqui é possível ver a mina dos espíritos?

– Sim Anely, a Boca do Lobo, o meu irmão era próximo do velho mineiro e sabe contar melhor a história.

– Sabe Anely, eu não acredito nestas baboseiras, penso diferente de Tom! Lembro-me muito bem da luta para tentar salvá-lo, até conseguiram chegar em uma câmara que estava trabalhando, porém ninguém nunca encontrou vestígios de seus restos mortais. As lamúrias do velho ouvidas pelos trabalhadores que diziam estar vindo do portal da morte, são mentirosas. Eu já estive lá e não ouvi absolutamente nada! Nada.

– Nossa, fiquei arrepiada de medo! Que estanho, talvez por isso fecharam a sua entrada com pedras.

– A entrada da mina foi explodida. – Completou Tom.

Eles ficaram alguns instantes apenas observando o vale em silêncio.

– Tom, encha a garrafa com água fresca que a Anely trouxe.

– Tá, tá, tá... Eu sei! – Respondeu ríspido ainda tomando fôlego.

– Anely, como é sua primeira vez aqui vou explicar que existem regras a cumprir, dividimos os afazeres, cada um nós

temos nossas tarefas. Hoje você substitui as frutas que estão estragadas na cesta pelas que escolheu trazer, depois sacuda os panos fora do abrigo.

– Certo, Pepito. Estou exausta, antes posso tomar um gole de água?

– Certamente!

– Eu também quero.- Pediu Tom, indo em direção a Anely.

Sentados nos acentos esculpidos na pedra estavam Pepito e Anely, Tom deitado sob o pano, tranquilos observando o entardecer no vale, o som agudo do falcão fez com que os irmãos ficassem em alerta, assustando a menina.

– Calma Tom. Só iremos agir se ele chegar perto. Voltou sua atenção para certificar se o lagarto estava à vista.

Em pé, Tom correu armar a atiradeira e disse:

– Se ele aparecer irmão, desta vez estarei preparado para enfrentar esse “cabrón del diablo”.

– O que é isso? – Perguntou Anely apavorada, olhando para o céu.

– Chiuuu! – Fez Pepito olhando para ela e levando o indicador em riste aos lábios.

Após um breve silêncio, um novo assóvio do falcão indicava que ele havia se distanciado.

– Não era aquele maldito, um dia ainda ei de pegá-lo! – Bradou Tom.

– Tom você é mesmo esquisito, hein! Como poder ter tanta certeza de que é o falcão certo ?

– O velho garimpeiro não dizia sempre, o que vai sempre volta? No momento certo eu saberei. Ah! Saberei...

– Certeza, você é mesmo esquisito! – Pepito sorriu com olhar fixo no irmão.

– Esquisito é você que fala com assombração, vê coisas!! Isso sim é esquisitice.

– Meninos! Toda essa cena por causa de um falcão?

– Vamos deixar essa conversa de lado! Vocês viram o Pallo debaixo do varal das almas ontem a tardezinha?

– Não, outra vez? – Perguntou Tom surpreso.

– Nossa, não! Ela ficou surpresa.

– Eu o vi sob a árvore segurando o lenço vermelho. Mamãe disse para jamais perguntar, mas eu acredito que deve ter acontecido algo muito terrível com a sua família, tenho absoluta certeza!

– O lenço era um presente da filhinha dele. Acho! – Explicou Anely.

– Como sabe?

– Ouvi a conversa do padre o aconselhando a superar a perda de sua esposa e filha, deixar o Vilarejo e recomeçar sua vida em outro lugar. Você nunca notou que ele usa um lenço igualzinho aquele pendurado no varal das almas e nunca o tirou do pescoço?

– Não, não havia notado. Interessante isso...

– Nem eu. Sabugo! – Disse Tom surpreso.

– Amanhã vamos contar para o padre Martinho sobre o ocorrido, eu voltarei a Boca do coiote e você irá comigo Tom. Se você Anely quiser pode ir também? – Disse Pepito.

– Ok, irmão.

– Não poderei. – Respondeu Anely. – Ficou tarde e esfriou, preciso ir meninos.

– Vamos todos, vou pegar o *Lilo*. – Disse Tom.

O vento frio e o céu avermelhado ao cair da tarde indicavam a chegada de um inverno rigoroso. A missa do primeiro domingo de novembro foi quase toda dedicada, pelo padre Martinho, ao agradecimento da boa colheita do milho, batata, girassóis e algodão. O padre enfatizou:

– Armazenar, dividir, consumir com consciência e ser grato a Deus poderá garantir a sobrevivência de todos nós em tempos difíceis que se aproximam.

– Oremos em silêncio.- Ordenou o padre, juntando as mãos abertas sobre o peito e abaixando a cabeça.

Sentados no primeiro banco à direita estavam a família Soriano, Romero, o pai, um homem grande e forte, Santa, a mãe, mulher dedicada ao marido e aos filhos, Anely e Feliciano. Era a família responsável por parte do cultivo de batatas e do galinheiro.

Anely olhou na direção da segunda fileira de bancos onde estavam os irmãos sentados ao centro dos pais e sorriu levemente. Javier observou e repreendeu Tom em voz baixa:

– Tomás, preste atenção no padre.

– Calma querido, “ahora” ele foi escolhido para aclamar o salmo. – Interveio Mercedes.

Tom engoliu em seco, abaixou a cabeça e deixou nítida a sua apreensão pela leitura.

Sentados no primeiro banco à esquerda estavam a família Jones, Charlie o pai, um senhor loiro, alto, de olhos azuis, ao seu

lado Lucille, a bela professora e mãe de Darla, menina loira, de olhos azuis e o menino Hubert, sempre quieto e obediente, que destoava da família com sua tez escura. As demais fileiras de bancos estavam vazias, exceto o último onde estava Pallo, o ferreiro, costumeiramente afastado e pouco participativo, ficava estático de cabeça baixa segurando as abas grandes de seu chapéu.

O padre em certo momento proferiu a abertura da leitura e passou a palavra a Tom. O menino pejoso, suando em pé no altar, fez a leitura cabisbaixo com um pouco de gagueira, segurando firme o livro sagrado.

Durante as reuniões religiosas dominicais tinham o costume de que cada família oferecesse um prato de quitutes, no momento das oferendas, para que ao final das bênçãos do padre fossem compartilhados com todos presentes. Este ato servia para fortalecer os laços sociais com o gesto de gratidão e respeito mútuo, tinha especial significado entre os fiéis:

– Somos Uma Parte do Todo.

Apenas Pallo, o ferreiro, era pouco social e não participava das confraternizações. Ele tinha sempre uma resposta áspera pronta para qualquer pergunta sobre a sua permanência. – Vou pitar lá fora! – Essa era, entre muitas, a desculpa dele mais conhecida.

Pepito despertou cedo, abriu a cortina para ver a garoa fina que caía e chamou o irmão que dormia coberto até a cabeça.

– Acorda Tom, acorda. Hoje iremos a “Boca do Lobo”.

– “Boca do Lobo”? – Despertou surpreso. – De jeito nenhum irmão, é perigoso e você bem sabe.

– Você está com medo? Não acredito! Logo você que enfrentou cara a cara aquele “cabrón del diablo” e ainda teve que decidir salvar o “Lilo” ou sua parceira!

– Eu não tenho medo de nada... Um dia ainda ei de pegá-lo! Mas, irmão, você parou para pensar porque foi a única “boca” fechada pelos mineiros? Eu já pensei muito. Essa não foi apenas selada com troncos como a boca do Coite, eles explodiram a sua entrada.

Em tom de voz mais baixo Tom complementa.

– Pode ser que talvez a maldição do ceifador de garimpeiros seja verdadeira?

Pepito ficou pensativo por instantes olhando para cima, exatamente igual a ocasiões que não tinha domínio sobre a situação.

– Nem tudo o que dizem é verdadeiro, até o padre já mentiu! O velho dizia que... devíamos nos preparar. Pisar em terrenos desconhecidos nos tornaria tanto exploradores quanto responsáveis pela descoberta.

– Então! Você é um explorador?

Tom o olhou fixamente.

– Ok, certo. Iremos precisar de corda, óleo para a lanterna e o kit de sobrevivência.

– É assim que se fala menino. –Vamos, vamos... Levanta e não esquece a blusa!

Sorrindo Pepito, em gesto de respeito, foi até a beira da cama do irmão, colocou ambas as mãos em sua nuca e puxou sua cabeça até encostar em sua testa.

Um grito agudo chamou a atenção de todos na casa, que rapidamente foram para a porta e apressadamente correram para a rua principal.

Encontraram o padre que vinha ofegante e visivelmente assustado, do lado oposto da rua estava Anely em prantos, inconsolável, que apontava para o varal das almas e caminhava em sua direção. Todos os moradores aos poucos foram chegando e acabaram formando um grande círculo ao redor da árvore, alguns indignados, outros demonstravam perplexidade com a triste cena. Pallo sem vida com os olhos abertos pendurado pelo pescoço com os joelhos dobrados quase tocando o chão, o frio alterou suas características físicas, seu *sombrero* estava caído próximo ao corpo, sua mão direita rígida ainda segurava firme o lenço vermelho.

O padre se aproximou, colocou a mão em sua testa fria e disse:

– Pallo meu amigo, por quê? – Olhou ao céu sem conter as lágrimas e completou:

– Perdoe-o benevolente Deus.

Enquanto o Padre proferia a oração de encomenda da alma segurando firme o rosário, Hubert inquieto cochichou no ouvido de Darla.

– Irmã, será que depois disso ele encontrará a sua família?

– Duvido! – Respondeu em voz audível sem pensar. Feliciano e Anely olharam para eles atraídos pela voz de Darla.

Para a pequena comunidade o varal das almas representava um antigo código de crença cultural, onde acreditava-se que aquele pedaço de solo poderia transpor os laços além da vida e, por gerações, a árvore era o elo que recebia em seus galhos as lembranças dos seus entes queridos. Entretanto esse imperdoável ato de perjúrio no local considerado sagrado, era um imensurável sacrilégio que tirava o direito do rude ferreiro alcançar os céus, tão pouco poderia ser concebido o descanso que sua alma necessitaria e ainda pior, como pena, a partir deste momento deixaria de ser uma alma livre e passaria toda a eternidade como uma sombra perturbada, perdida, sem identidade e vagando entre os mundos.

Hubert ao lado da irmã acompanhavam o senhor Javier, com sua habilidade de carpintaria, construindo o ataúde. Enquanto no cemitério Pepito estava abrindo a cova, conforme as exigências de seu pai, sendo observado por Anely com os braços delicadamente enlaçados e a cabeça encostada no ombro de Tom,

próximos aos seus pés o lagarto e o pequeno roedor cego repousavam.

– Tanta arrogância para acabar aqui, neste buraco! – Disse Pepito ofegante jogando a terra fora da cova.

– Não era arrogância, José Miguel, era tristeza. Profunda tristeza da alma!

O jovem parou seu trabalho e a olhou fixamente por baixo de seu chapéu de abas largas.

– O que meninas entendem disso? – Retrucou olhando para Anely.

Antes que Anely pudesse responder, Tom interveio.

– O que aconteceu está acontecido, chega de besteiras. Morreu “tá” morto!

Após o enterro, Tom e Pepito procuravam na casa do ferreiro o que o Padre pedira, os castiçais de prata. Os irmãos aproveitaram para bisbilhotar a única casa que desconheciam, no sótão encontraram botas, papéis e moedas escondidas em sacolas velhas penduradas nas vigas de madeiras do telhado e sob a cama velha encontraram uma mala com roupas e recortes de jornais. Não havia nada de grande interesse, o galpão da estrebaria ligava também ao fundos da propriedade, onde havia um pequeno cômodo construído com sobras de madeira, foi preciso desviar de alguns buracos no caminho que pareciam terem sido abertos recentemente. Ao entrar viram se tratar de um local para armazenar ferramentas de trabalho, muitas peças de montaria, na parede de frente, à porta de entrada, encontrava-se um quadro com

ferramentas organizadas, a mesa de madeira rústica no centro com duas gavetas e no canto, próximo à pequena janela uma boneca, em tamanho real, de pé com olhar assustadoramente fúnebre, vestida de branco rendado, com botões perolados e em seu pescoço um lenço vermelho, ao lado sobre a pequena mobília havia dois castiçais ainda com sobras de velas derretidas, ao centro um retrato familiar, embora a imagem estivesse amarelada pelo tempo era possível ver uma família jovem reunida defronte ao Varal das Almas . Chegando próximo a imagem Tom reconheceu Pallo ainda jovem e estava sorrindo ao lado de uma bela mulher que segurava uma criança.

– Pallo sorrindo?! – Pensou surpreso. Essa foto estava contrastando completamente com a imagem do ferreiro, de jeito sisudo, que nunca, jamais sorria. O que havia acontecido com sua alegria e com sua família? Tom puxou o banco de madeira debaixo da mesa, sentou-se e absorto contemplando o pequeno santuário, balançou levemente o banco a ponto de se quebrar e provocar sua queda. Foi cair de costa no chão de madeira com os braços abertos, nesse breve tempo recuperando-se do acidente ainda caído, olhou para o teto e algo chamou sua atenção.

O irmão escutou o barulho e preocupado veio ao seu auxílio.

– O que houve?

– Olhe! – Apontou para o teto. Ainda caído e olhando fixo para o teto, Tom insistiu.

– Olhe, lá! – Apontando novamente.

– Olhar o que, Tom? Não vejo nada, levante seu doido!

– Não vê, irmão? Atrás da última viga, tem algo escondido.

– Ali, ali... Viu? – Tom insistiu apontando.

– Sim, sim. Agora estou vendo, o que será? Vamos apanhá-lo.

Após a dificuldade para retirar o objeto, analisando-o em suas mãos, Pepito tateia e cheira para identificar o material, percebe que se trata de um tipo de tecido que lembrava um pequeno tapete enrolado em forma de canudo com ambas as extremidades amarradas, assopra e o bate repetidamente na perna para retirar a poeira acumulada. Então procurou a melhor forma de abri-lo, limpou a mesa de trabalho do ferreiro, sempre observado atentamente pelo irmão. O esforço compensou, o tecido aberto completamente revelava uma pintura colorida.

– Uma pintura! Por todo esse trabalho? – Decepcionado sussurrou Pepito. *Cabrón del diablo!*

– Uma pintura magnífica, irmão! Olhe a textura, as cores...

Inebriado pela sutileza da paisagem, Tom segurou as pontas opostas do tecido para não a deixar voltar a sua forma original e ficou a apreciá-la.

– Tom é só um pano caquético pintado, vamos levar os castiçais ao Padre antes que ele venha até aqui.

Conhecendo o irmão como só ele acreditava conhecer, disse:

– Fique com a pintura, se gostou, Tom, ninguém irá reclamá-la. Afinal!!! Foi você que encontrou os preciosos castiçais. Não é verdade? – Sorrindo apanhou as duas peças, colocou-as no saco e juntos saíram.

– Joselito está chegando, Joselito está chegando!! – Hubert gritava, sem conter a alegria, saltitando pelas ruas com as duas mãos encostadas na boca formando um cone.

A nuvem de poeira ao longe na estrada indicava que o mensageiro estava chegando com os mantimentos.

– Vamos Tom, rápido. – Apressou o irmão.

Na rua principal todos os adolescentes eufóricos, gritavam e acenavam para o motorista e os meninos, mais ousados, tentavam acompanhar o ritmo do veículo.

– Joselito. Joselito, trouxe o combinado? – Gritou esbaforido Tom quase todo envolvido pela poeira e pelo barulho ensurdecedor do motor.

O motorista não respondeu apenas tirou o braço esquerdo para fora da janela, fez um movimento, lançou um punhado de confeitos no ar e, pelo espelho retrovisor, observou os jovens em meio a nuvem de poeira procurando as guloseimas espalhadas pelo chão. Estacionou no final da rua defronte à porta da igreja, em instantes um homem franzino, alinhado para os padrões do vilarejo, botas longas com bordas estilizadas, cinturão de couro com fivela de montaria dourada, chapéu de abas largas, a desceu com uma caixa na mão e novamente estava cercado de meninos e meninas em festa, ávidos em conhecer o conteúdo da carroceria. O senhor olhou diretamente ao menino e disse:

– Pegue Tomás, agora estamos quites! – Entregou a caixa a Tom que sorriu e saiu em disparada.

– Calma pequenos, calma. Também trouxe outras coisas. Para as meninas, lindas senhoritas, aventais bordados a mão e bonecas flexíveis e pros meninos, sacos sem fundo, trouxe doces, carrinhos e colts originais.

O padre ao ouvir a muvuca saiu rapidamente e interveio.

– Calma crianças, vamos descarregar primeiro, depois Joselito terá tempo para vocês. Senhor Romero, poderia ajudá-lo?

– Sim, padre. Eu e o Feliciano estávamos à espera.

Romero chamou o filho que se juntou a eles no transporte das caixas.

O nuncio² exercia outra atividade além das correspondências, ele também era um negociante, duas ou três vezes ao ano ele trazia em sua *pick-up*, F-150, variados suprimentos, jornais e medicamentos. Costumeiramente armazenados na pequena casa paroquial atrás da igreja, sempre depois dos descarregamentos o nuncio seguia para a sacristia onde o padre o aguardava para tomar um gole de tequila e fazer os acertos financeiros, somente após vencer estas etapas era autorizado a carregar os produtos produzidos pela comunidade naquele período. Os fardos de algodão, sacos de milho, batatas e girassóis eram estrategicamente armazenados na rua principal no interior do antigo banco. O acordo pelos serviços de transporte e

² *Nuncio* é um termo antigo que designa o mensageiro da igreja, carteiro de correspondências.

agenciador proporcionava-lhe uma percentagem sobre os produtos do vilarejo negociados em Nuevo Aguador.

Quando terminou o carregamento da caminhonete, Joselito subiu na lateral para conferir o acondicionamento da carga que, além de suportar os sacolejos da longa viagem, as temperaturas baixas, ainda restar espaço para a caixa de ferramentas e os galões de combustível. Ele fez alguns ajustes nas amarras e concluiu que estava pronto para iniciar o retorno.

Ele parou seu automóvel próximo do cemitério, desceu e foi à cova recente, fez o sinal da cruz em referência ao amigo, depois caminhou até a árvore e pendurou, no galho ao lado do lenço vermelho, uma pequena boneca.

Absorto, admirando a quantidade de lembranças espalhadas pelos galhos, de repente escondido atrás do tronco saiu Pepito. O homem levou um grande susto, deu um passo para o lado com olhos arregalados e os braços estirados, gritou:

– Quer me matar de susto, fedelho?

– Desculpe Joselito. Posso ir com você?

– Não! Está maluco?

– Eu posso pagar... Te dou duas pepitas .

– Já disse que não. Pensei que tivesse deixado essa ideia maluca.

– Te dou três pepitas .

– Não posso, Pepito. Não se trata de pagamento, entenda, há mais de dez anos tenho negócios com o padre e também sou amigo do senhor Javier.

– De um jeito ou de outro vou sair daqui, com sua ajuda ou sem ela.

Apenas olhou sem nada dizer, apanhou a sacola escondida entre arbustos, colocou um pequeno *sombrero* e foi caminhando em direção à estrada.

A cena foi acompanhada de longe por Darla que estava no poço abastecendo as vasilhas. Deixou o que fazia e correu gritando:

– Pepito, Pepito., espere.

O menino se distanciava, sem olhar para trás. Exausta parou para tomar fôlego próximo onde estava o núncio, ela o questionou:

– Joselito, você não fez nada?

– Eu tentei, venha princesa suba na caminhonete, vamos buscar o teimoso.

Quando foi alcançado, o menino ficou surpreso em ver Darla descer do automóvel. Ela o abraçou forte que derrubou o seu *sombrero*. Ele por instantes esqueceu do seu objetivo, fechou os olhos e só pensava em ficar colado aquele corpo, nas saliências desejadas que pressionavam o seu peito, encostou os lábios no pescoço da jovem com uma fragrância embriagante, imediatamente ficou excitado.

– Pepito, Pepito me solte. – Disse afastando-o.

– Desculpe, Darla. – Ficou acanhado tentando esconder sua intempestividade.

No volante apoiado na janela, Joselito sorrindo comentou.

– Oh! Menino cabeçudo. Eu em seu lugar jamais pensaria em deixar uma namorada assim.

Olhou para Pepito, piscou e partiu.

– Ele não é meu namorado! – Gritou ela.

Em movimento ele apenas acenou sem olhar para trás e desapareceu encoberto pela nuvem de poeira.

– Darla por favor não comente nada com o Tom. Promete?

Enquanto caminhavam lado a lado em direção ao Vilarejo, ela o olhou e apenas balançou a cabeça positivamente.

Do antigo imóvel do bar principal na esquina, defronte ao armazém, só restara o balcão e as prateleiras, no local foram instaladas mesas, cadeiras e uma lousa para servir de escola duas vezes por semana. A professora Lucille sempre foi exigente com os alunos, porém um aluno que estava pouco participativo e cabisbaixo, chamou sua atenção.

– Pepito, algum problema? – Indagou ela.

Ele continuou com a cabeça baixa, em estado catatônico, sem ouvi-la. A professora foi ao seu encontro, Tom tentou alertá-lo, porém desistiu quando ela o repreendeu com o olhar sisudo, essa atitude chamou a atenção de todos os outros alunos.

– Pepito, algum problema? – Repetiu ela ao lado do menino.

A voz o despertou e rapidamente levantou a cabeça surpreso.

– Não professora Lucille, nenhum.

– Tudo bem Pepito, tudo bem.

Passou a mão carinhosamente em sua cabeça, voltou ao quadro negro e escreveu com a lateral do giz para deixar a frase forte e bem visível: O que pretendo ser ?

– Hoje não teremos a aula de matemática, vamos falar de sonhos, esperanças e o que cada um pretende ser?

– Todos de acordo?

A classe em coro respondera “ sim.”

– Alguém quer começar?

A classe toda ficou em silêncio.

– Alguém se habilita? Ninguém!

– Entendi. Eu nasci no Texas onde, em uma grande fazenda, todos da minha família cultivava milho, meu pai aos doze anos levou-me ao internato na cidade de Dallas para estudar e aprender uma profissão, foi lá que conheci o Charlie. Eu tinha o sonho de ser professora, a vida nos trouxe aqui em Vale del’Oro.

– Professora! – Chamou a aluna com o dedo em riste.

– Sim, diga Anely.

– Professora, minha mãe sempre diz que a senhora é fina demais para estar aqui. Por que decidiu ficar mesmo depois do fim do ouro?

– Anely, nossa casa é onde se encontram nossas coisas e não estou me referindo somente às coisas materiais, mas suas esperanças, seus amigos... Aqui, em Vale del’Oro, acreditamos encontrar tudo o que precisamos para sermos felizes.

Enquanto Anely escutava atentamente, sacudiu a cabeça concordando com a explicação. Darla olhou para Pepito e sorriu.

– Professora!

– Diga, Pepito. – Autorizou ela.

– E se sentir que as minhas coisas não estão aqui?

– Por que diz isso Pepito? Foi por causa da morte do ferreiro?

Hubert, Feliciano, Anely, Darla e Tom quase ao mesmo tempo olharam para Pepito.

– Não, não foi o ocorrido com o senhor Pallo! Quero conhecer a cidade grande, quem sabe o mundo, quero comer todos os doces que quiser, vestir roupas chiques, usar sapatos de couro, óculos de leitura e fumar charutos.

A Professora esboçou um sorriso. Os outros alunos continuaram em silêncio, entretanto não houve nenhum espanto nos companheiros de classe, conclui-se que poderia facilmente ter sido interpretado como aprovação pelos colegas.

– Parabéns, Pepito, por compartilhar conosco esse sentimento que chamamos de sonho, de objetivos... Nunca perca esse sentimento.

– Professora, meu sonho é ser um aviador como o falcão . – Interrompeu Feliciano.

Pepito surpreso com as palavras do amigo olhou direto para irmão que olhava para Feliciano com expressão de raiva.

– Eu serei um negociante igual ao Joselito. – Disse Hubert.

– E você Tom, o que deseja ser? – Perguntou Darla.

Do seu jeito único, espremeu os lábios balançou negativamente a cabeça e respondeu.

– Não sei.

A professora deixou para cada um pensar em como conquistar seu sonho, encerrou a conversa e dispensou a turma.

Dezembro sempre foi o período festivo mais esperado pela comunidade, os preparativos para o Natal e a passagem para o novo ano começavam sempre no início do mês.

Próximo do término de outro ano, ao lado do cemitério estavam o padre Martinho, senhor Romero, Charlie e Javier dando os últimos retoques na grande pirâmide de galhos secos pronta para comemorar à meia noite do dia trinta e um a tradição da Lume da Passagem, como era conhecida o símbolo da purificação pelo fogo do ano que passou, servia para saldar os mortos e dar boas-vindas ao ano novo. E somente nesta data do ano os homens reuniam-se ao redor da fogueira para fumarem *Belladona*, preparado especialmente para esta cerimônia, os cigarros eram produzidos artesanalmente com sobras de vísceras de lagartos queimadas, misturadas as folhas secas de *Salvia* e enroladas em folhas de tabaco. Seus efeitos alucinógeno já eram conhecidos pelos antigos povos Maya e Asteca, usados em seus rituais.

Na residência da família Soriano, a senhora Santa e seus filhos, Anely e Feliciano se dedicavam avidamente ao término da confecção do boneco de pano, em tamanho real que assemelhava-se a um espantalho, vestia roupas gastas sem condições de uso, na cabeça um grande sombreiro, na face o desenho do nariz, boca e contorno das pálpebras, no centro dos olhos foram costurados botões pretos, em um buraco no canto da boca foi inserido um cigarro de palha, em cada mão uma luva, costuradas com pontos

largos e o interior com enchimento de algodão, nos pés foram fixos chinelos feitos de couro cru, para dar realismo pintaram-lhe as bochechas de rosado e colocaram no bolso da camisa um lenço vermelho.

– Pronto mamãe o Ferreiro está terminado, agora posso ir a casa dos meninos? – Anely disse referindo-se ao término do boneco.

– Não demore, seu pai está terminando a árvore e eu quero todos reunidos ao cair da noite para o jantar.

– Posso ir com a Anely, mãe? – Pediu o filho mais novo.

– Agora não meu filho, você tem a incumbência de levar o boneco lá fora e arrazar firme para que permaneça em pé, estamos atrasados este ano, todas as outras famílias já penduraram os bonecos.

– Mas... mãe! Só amanhã à noite será acesa a fogueira. – Interpelou o menino querendo ganhar tempo.

Santa não respondeu, apenas o repreendeu com um fixo olhar, o menino entendeu e tratou imediatamente de cumprir a tarefa.

No alto do rochedo, caíva secreto, estavam os meninos sentados nos bancos entalhados na pedra com vista para o vale. Tom analisava segurando a pintura aberta bem a frente do rosto, enquanto Pepito, com os braços cruzados, pensava em Darla, no que ouviu de Joselito, no contato que experimentou quando ficou colado aquele corpo exuberante e em sua repentina ereção.

Pensou: “ Nossa que papelão! Será que ela percebeu? Ah! Mas que foi bom, isso foi! Aquele pescoço, aquele cheiro...”

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Anely.

– Oi meninos, cheguei e vim acompanhada.

– O que? – Disse Tom.

Assustados ambos levantaram para receber o inesperado visitante, o lagarto correu para sua toca.

– Oi meninos, é aqui que se escondem quando desaparecem?

Os dois refazendo-se da surpresa responderam quase simultaneamente.

– Oi Darla.

– Não ficar ai parados, ela subiu esse rochedo íngreme para conhecer o abrigo. Mostrem a ela meninos.

– Venha Darla, seja bem-vinda ao nosso humilde Observatório dos Eremitas que deixou de ser nosso esconderijo secreto, desde que Tom trouxe a Anely. Ele sorriu para os dois que os acompanhavam logo atrás.

O enamorado mostrou todo o espaço e objetos do local, mas também ficou quase hipnotizado observando cada detalhe da bela loira dos olhos azuis, seus lábios, seu pescoço, contorno de seus seios, os tornozelos, o movimento de sua anca no balanço do vestido. Inebriado em seus pensamentos, foi interrompido por Tom.

– Irmão parece que fumou marijuana! Não escutou a Anely?

– Oi. Desculpe, não ouvi. – Tentou se explicar visivelmente constrangido.

Anely e Tom olharam-se e sorriram. Darla um pouco à frente sem entender o sorriso dos cúmplices.

– Anely perguntou se a água da moringa está fresca? Só isso, acho que perdi a piada! – Explicou a loira para Pepito.

– Claro, Sim. (tossiu) Troquei hoje.

Darla deu alguns passos e subiu em uma pedra estrategicamente colocada na borda do platô, abriu os braços, fechou os olhos e experimentou a brisa tocar seu rosto por alguns segundos, os raios de sol realçavam o relevo do vale que naquele momento estava se escondendo exatamente em suas costas, ao abri-los disse:

– Que vista linda, estou próxima de Deus! Se pudesse escolher... morreria aqui.

Os dois irmãos e Anely ficaram surpresos com as palavras da loira. Pepito, incomodado pela proximidade dela na borda do penhasco, pois para eles a pedra era um limitador de segurança que foi ultrapassado, foi devagar para não a assustar e, com ambas as mãos, a agarrou firme pela cintura, ela não se importou, olhou para trás, sorriu e continuou com os braços abertos. Com esse clima de cumplicidade ela foi girando devagar no sentido ante horário sobre a pedra, como uma bailarina, e acabou quando os sorrisos se encontraram.

– Vamos novamente Pepito, eu gostei? – Disse olhando de cima.

– Não, desça! Hoje eu a salvaria eternamente.

Sorrindo enlaçou a sua cintura, deu um passo atrás e a tirou da pedra, porém quando todos esperavam que a colocasse no solo, ele colou firmemente em seu corpo e a surpreendeu com um rodopio completo, Darla simplesmente fechou os olhos, levantou os braços e dobrou os joelhos no ar até terminar.

– Adorei, José Miguel. – Disse olhando fixamente os olhos de Pepito.

– José Miguel!!! Só minha mãe me chama assim? – Ambos acabaram em risos com as testas coladas, por instantes não importavam com nada ao redor.

Tom, assistindo a cena sem entender, olhou para Anely que tinha os olhos marejados e estática.

– O que foi? – Indagou Anely.

– Parece que você está chorando, é porque eles estão rindo?

Sem tirar o rosto fixo no casal, ela comentou em voz baixa para si.

– Os meninos não entendem nada de poesia .

O vilarejo de Vale del'Oro estava em festa, faltavam poucos minutos para o novo ano e ao redor da grande fogueira, que trazia o aconchego do calor e luz, os moradores se fartavam de comida, bebida, alguns cantarolavam ao som do violão cantigas regionais. O Padre e Javier fumavam *Beladona* enquanto, sentados ao lado Romero e Charlie bebiam Youque feito da mistura de água ardente com frutas. A pirâmide de fogo era o ponto central que concentrava em seu interior o calor e o expelia no topo, iluminando o céu em uma explosão de fagulhas e estalidos. Algumas lápides do cemitério estavam visíveis pela luz da fogueira, algumas enfeitadas com coroas de flores e cartas. A luz realçava os enfeites que balançavam no Varal das Almas, o frio foi quase esquecido naquela noite, no fastígio das festividades alguém gritou que faltavam alguns segundos para o momento esperado. Feliciano, seguido de Tom e Hubert, agarraram seus bonecos e formaram um semicírculo esperando o término, em coro, da contagem regressiva.

– Cinco..., Quatro..., Três..., Dois..., um...!

A alegria tomou conta dos presentes, os grandes bonecos foram atirados ao fogo enquanto os meninos observaram eles serem consumidos pelas chamas, os demais confraternizavam pelo início do novo ano. Anely, com seu jeito espantado,

abraçou os irmãos enquanto era observada por Darla. Tom pegou sua mão e foram ao cemitério compartilhar a alegria com os mortos. Pepito lançou um olhar encabulado para Darla que abriu um sorriso e correu de braços abertos para acabar pendurada em seu pescoço, quase o desequilibrando, e por instantes dobrou os joelhos. Recompostos Pepito pediu que o acompanhasse. Sentados em banquinhos improvisados sob a árvore com inúmeros penduricalhos, olhando nos olhos dela ele disse:

– Naquele dia na estrada, queria que soubesse, eu estava certo em deixar tudo para trás e seguir meus planos traçados, agora não sei de mais nada! Pode entender?

Logo após as palavras de desculpas em um gesto carinhoso ele segurou as mãos da loira, as juntou em seu peito e subiu a cabeça até encontrar os lindos olhos azuis.

– José Miguel!! Nunca mais faça isso! Promete?

– Sim, sim. Jamais...

– Eu sempre sonhei um dia ir para Dallas, quem sabe o que o livro do destino nos reservou! Somos jovens e teremos uma vida inteira para escrevê-lo e, se precisar, reescrevê-lo.

Em pé ele agarrou a sua mão e delicadamente a beijou. Ela imediatamente ruborizou.

– Agora venha, vamos nos juntar às nossas famílias!

De mãos dadas foram para perto do calor da fogueira.

O calor dos raios de sol da manhã indicava que o inverno havia ficado para trás, já haviam passado seis meses das festividades do fim de ano e os girassóis estavam novamente florindo. O silvo do falcão cortou o silêncio no vilarejo, seguidos de um estrondo que fez tremer o Vale, Tom alertou o irmão que cochilava. Do alto, no esconderijo, apenas uma nuvem de poeira e fumaça eram visíveis, esse fato intrigou os dois meninos. Pepito comentou com o irmão que poderia ser uma bomba.

– Vamos até lá Tom. – Ordenou Pepito.

Ao descerem a encosta percebeu-se que não era apenas poeira, mas o vilarejo estava tomado pela fumaça.

– Meu Deus!! – Espantou-se Tom.

Somente após entenderem a gravidade do incêndio, puseram-se a correr, enquanto diminuía a distância, ficavam ainda mais preocupados. Ao se aproximarem do Varal das Almas o fogo estava acabando de consumi-la por completo, a imagem, ao fundo, era de uma imensa cratera que se formou onde antes era a rua principal, uma cena aterradora, a maioria dos imóveis de ambos os lados desapareceram remoldados em escombros e as poucas paredes que ainda restaram ardiavam em chamas, por designios divinos, apenas a igreja ao fundo ficou em pé ou, melhor, a metade dela fora poupada.

Com as mãos sobre o joelho os dois pararam para tomar fôlego na borda do buraco.

– O que houve aqui? – Perguntou Tom.

Estranhamente não havia ninguém perambulando, nenhum ferido ou combatendo o incêndio que se propagava pelas outras casas mais afastadas.

Os meninos tomaram a decisão e correram em segurança contornando a borda da cratera ainda em chamas onde o calor era quase insuportável até alcançarem a entrada traseira da igreja. Encontraram o padre caído de bruços na frente do altar envolto em poça de sangue. Pepito o agarrou e tentou levantá-lo, o gemido de dor assustou os irmãos. Devagar, com esforço, o colocaram sentado apoiando no púlpito, imediatamente ele levou a mão ao ferimento que sangrava na barriga.

– Meu Deus!! O que houve aqui???

– Tom, chegue mais próximo, ajude-me a tirar sua camisa, preciso ver o ferimento. Tire a sua camisa também e rasgue pedaços.

Pepito limpou o ferimento, tateou as costas do padre para saber se sangrava e percebeu que havia um corte diagonal acima do umbigo e o objeto não atravessou seu corpo. Isso significava, pelo que ouviram, que lhe restava muito pouco tempo de vida.

– Padre, está me ouvindo? – Olhando fixo para o seu rosto.

Respondeu em gesto de dor e balançou a cabeça confirmando.

– Onde estão os outros? O que houve?

Muito fraco, quase desfalecendo tossiu respingos de sangue no rosto e pescoço de Pepito e esforçou-se para falar baixinho:

– O que houve? Que nosso senhor... – Não conseguiu terminar a frase e pendeu a cabeça.

– Padre, padre? Chamou Tom. – Ele não respondeu, insistiu e sacudiu seu ombro.

– Pare Tom. Pare! Ele morreu. – Alertou o irmão.

De joelhos levantou o rosto procurando a santa sobre o altar e levou as duas mãos ao rosto coberto de sangue e lágrimas.

– Vamos Tom, precisamos saber dos outros.

Estendeu a mão ao irmão.

Quando deixaram a igreja pelos fundos encontraram a casa paroquial em chamas, circundaram o vilarejo e constataram o que mais temiam, não era só a rua principal, mas todas as casas estavam ardendo em chamas. Não havia o que fazer, o calor insuportável, o silêncio. – Pensou Pepito parado defronte à sua casa.

– Tom tive uma ideia, grite! Vá e grite o nome de mamãe, do papai... de qualquer um.

Anely ouviu o chamado dos irmãos, saiu pelos fundos, nos escombros da antiga estrebaria, do almoxarifado do ferreiro, que milagrosamente não havia sido atingido completamente pelo fogo.

– Meninos, graças a Deus estão bem!

Coberta de fuligem abraçou os irmãos e desabou a chorar copiosamente.

– Calma Anely, calma, o que houve aqui? – Perguntou Tom.

– Estava indo ao poço quando acordei estava sobre uma pilha de tábuas próximo ao quartinho dos fundos da estrebaria. Arrastei-me até ele, não tinha ideia do que havia acontecido, fiquei em silêncio, escondida atrás da Boneca de Pallo, e só saí quando ouvi a voz de vocês.

A casa dos irmãos estava em chamas, as labaredas altas indicavam que foi uma das últimas a ser atingida pelo fogo.

– Vamos contornar as casas, longe do calor assim conseguiremos chegar por trás da nossa casa.

Anely e o irmão apressados seguiram Pepito até os fundos de sua casa. O calor era intenso, não havia possibilidade de haver alguém vivo no interior. – Pensou Anely ao ver a situação.

Tom percebeu naquele momento que poderia ser tarde para a derradeira despedida de seus queridos pais, seus olhos encheram de lágrimas e o desespero, a angústia e tristeza tomaram conta de sua alma, saiu em meio às construções em chamas gritando “Mamãe, papai!” Seus gritos em parte abafados pelo ruído do grande incêndio ainda eram audíveis de onde ficou Pepito, perplexo e em silêncio, ajoelhado de cabeça baixa com as mãos na nuca. Anely o abraçou desajeitadamente, beijou levemente a sua cabeça e foi atrás de Tom, gritando o seu nome. Tom correu a esmo o mais rápido e longe que conseguiu, cruzou

a plantação de girassóis e exausto recostou-se em uma pedra da antiga mina, olhou para o céu e desabou em choro.

Quando acordou já era noite, desorientado ainda em pânico ouviu o chamado de seu nome que vinha do interior da gruta, só então se deu conta que o lagarto dormia ao seu lado encostado ao seu corpo.

– “Lilo” é você meu amigo! – Agarrou o lagarto e o apertou forte.

Aquele som insistentemente chamando o seu nome e o lagarto indo à frente, ajudaram a guiá-lo por entre as frestas das rochas onde havia uma pequena abertura, foi preciso remover algumas pedras para poder ter acesso. A lua iluminava a planície e, daquele ponto, antes de adentrar a mina, ainda era possível ver a luz das chamas consumindo a Vilarejo.

– Meu Deus!! – Lamentou.

Sem aquele sentimento aterrorizador e noção do tempo foi apenas tateando as paredes com cuidado para avançar no breu, tropeçou em algum dormente e continuou andando, o cheiro de terra úmida o fez pensar que a entrada estava longe se precisasse retornar, de repente o chamado cessou e ao fundo um fecho de luz emergiu de um pequeno vão entre as pedras, a luz que escapou era tão forte que iluminava todo aquele espaço da caverna. Sem muito esforço com as mãos abriu o suficiente para que o seu corpo pudesse passar e entrou, neste momento a luz pulsante tornou-se insuportável, tentou impedir a claridade colocando a palma aberta

da mão na têmpera e a maior parte do tempo o menino precisou ficar de olhos fechados.

– Quem é você? Apague essa luz!

Não houve resposta. A luz mudou sua tonalidade tornou-se inúmeros feixes rotativos de azul metálico brilhante. A origem da luz vinha de um ponto na altura dos olhos.

– É a Santa de Guadalupe? – Balbuciou Tom, que neste momento percebeu que estava dentro da temida “Boca do Coiote” e um calafrio percorreu seu corpo.

– Não. Tenha calma a luz o está esterilizando. Pode me chamar de –Crhonus . Sou um recolhedor, único da espécie não autômato sintético , designado pelos Antianus para encontrar e remover quaisquer vestígios dos antigos exploradores que estiveram neste planeta enviados do futuro, alguns jamais retornaram, nossa importante missão é encontrar e garantir que nenhuma das tecnologias sejam encontradas e coibir de serem desenvolvidas a partir de estudos reversos.

– Você é humano?

– Não do modo que os conhecem. Essa pequena esfera luminosa, a Yris , viajou comigo para encontrar você. Viajamos em forma de luz, porém muito mais veloz e neste exato momento existo em dois lugares ao mesmo tempo, para entender explico: o corpo de átomos está separado e ao mesmo tempo ligado à frequência de energia, controlados pelas ondas mentais, o receptor neste caso são pontos de convergência do local e sua mente. Tentarei uma explicação simples, como foi a ciência quântica que

teorizou a relação do tempo, a distância e a massa, sintetizada na equação – $E=MC^2$, formulada pela mente brilhante do seu tempo, ela por milhares de anos foi o guia, porém estava incompleta. Estamos aqui pois necessitamos manter o equilíbrio e a segurança de sua civilização, temos conhecimento de que você está preparado para o tempo futuro.

– No futuro, por que eu?

– Reconhece esse lugar? Feche os olhos Tom, posso ainda sentir sua tristeza profunda. – Disse a voz.

Neste momento o menino lembrou do padre e de sua casa em chamas, imagens em movimento foram tomando forma em seus pensamentos, com detalhes e cores realçadas. Seus reflexos relaxaram, fechou os olhos e as viu nitidamente reais. Seus sentidos diziam serem recordações, mas uma sensação inquietante, por instantes, o fez acreditar que estava revivendo cada segundo daquele exato momento, porém de uma perspectiva totalmente diferente, sentia-se presente e com a percepção do meio interno e externo.

– Sabugo! – Espantou-se.

– Como é possível? Sim, eu reconheço este lugar de minha pintura.

– Tenha calma, respire pausadamente, eu o levei a presenciar o que apenas teve contato através das **memórias** de um ser Divino .

– O que acabei de ver é real, existe?

– Sim, existirá.

Sentado no pequeno espaço recostado na parede úmida, olhando para a luz brilhante pairar e concentrado na voz do silêncio em sua cabeça, este alumbramento momentâneo o fez esquecer, por alguns segundos, do desastre que destruiu muitas vidas no vilarejo. Imaginou o que seriam deles sem os pais, sem a proteção da comunidade e o que os esperavam...

– A voz do homem do futuro e a esfera de luz chegaram tarde. Muito tarde! – Pensou.

– Tom não pense em mais nada, apenas feche os olhos, solte os ombros e relaxe, vou levá-lo à uma viagem.

Tom sentiu algo bizarro, parecido a uma parestesia, agarrou-se ao lagarto no colo e ao abrir os olhos estava sentado em uma pedra no alto de um rochedo admirando o vale silencioso, muito semelhante a pintura, essa experiência trazia uma agradável sensação de alívio e paz.

– Tom abra os olhos, não se preocupe com os espasmos das pálpebras e a dormência no corpo logo irão desaparecer. Esses são alguns dos efeitos da quebra de barreira temporal.

– Não entendi direito, onde estive? Passei horas lá, toquei nas pedras, vi o mesmo céu, senti o cheiro e o vento, conheci melhor as outras formas da pequena esfera negra e parecia ser tudo tão real!

– A realidade é um estado temporal ligado aos sentidos, onde tudo está em como percebemos e armazenamos essas experiências em nossas **memórias**.

– A nossa capacidade de armazenamento do conhecimento é ilimitada, com a vantagem de possuímos em nossos núcleos celulares máquinas inteligentes, os autônanomicros em escala dimensional atômica abaixo dos neutrinos, nos auxiliando. Para comparação os seres vivos são compostos por biomoléculas formadas por carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio e os menores são os vírus que possuem em torno de 0,21 micron, os autônanomicros são bilionésimos de vezes menores, enquanto os seres humanos são cerca de oito milhões de vezes maiores que o menor ser vivo ainda conhecido.

O ponto de luz mudou a sua tonalidade, a cor âmbar mesclava com o lilás brilhante nos feixes rotativo.

– Crhonus, se controla o tempo... você controla os acontecimentos?

– Simplificando sim, mas digo não a sua intenção no pensamento. O tempo jamais deve ser alterado pois isso desencadearia inúmeros eventos posteriores que afetariam diretamente o futuro e o modo de corrigi-lo. Não devemos interferir nos acontecimentos.

Ele apenas ouviu silenciosamente as explicações.

– Tom, precisamos de sua ajuda para não deixarmos uma importante tecnologia ser usada sem o devido conhecimento, feche os olhos.

– Em sua mente, Tom, enviei as informações sobre nossos objetivos neste momento.

– *Yris* irá acompanhar você, ele tem conhecimento onde foi indicado o quadrante do planeta para iniciarmos as buscas, amanhã cedo venha me encontrar aqui. – Ordenou Crhonus.

A pequena esfera que produzia uma forte luz branca foi à frente guiando o menino dentro dos túneis até próximo à saída, a luz se apagou e a esfera negra pairou à sua frente e foi pousar sobre o vão de sua orelha direita encostado a cabeça.

Quando ele saiu da mina estranhou, já era dia, estava claro, quente com o céu limpo, o campo de girassóis estava seco e abandonado. Olhou em direção ao vilarejo e correu. Ao se aproximar do vilarejo, próximo do cemitério, parou bruscamente e coçou os olhos, espantado e sem entender o que estava acontecendo.

A árvore das alfaias estava menor, com poucos enfeites e intacta sem nenhum sinal do fogo, a visão da rua principal estava diferente, havia a depressão no solo, mas não havia as construções antigas, apenas a igreja havia sido reconstruída, algumas construções novas. Não havia vestígios dos escombros do grande incêndio. Observou Anely alçando água de um novo poço construído mais ao oeste do antigo, a fumaça da chaminé na casa paroquial indicava que o padre estava preparando a refeição. Mais

próximo à rua principal constatou o que não acreditava. Não havia vestígios da tragédia.

– Como era possível?! – Pensou.

Quando Anely o viu, correu desesperada em sua direção gritando.

– Tom! Tom!

Os abraços e beijos, excesso de carinhos o deixaram ainda mais perturbado, sem entender absolutamente nada.

O lagarto alcançou o menino, parou a alguns passos dos dois e, levantou-se nas pernas traseiras, nitidamente ficou com seu jeito peculiar procurando o amigo cego.

– Onde esteve todo este tempo? Pensamos até que havia morrido!

– Morrido?! Quem?! Eu!!! – Mas...

Ficou alguns instantes em silêncio apenas observando Anely e percebeu que havia sutis mudanças físicas. Ele não estava reconhecendo aquela menina, coberta de cinzas, que deixou ontem chorando próximo de sua casa em chamas.

– Tom, está me ouvindo?

– Sim, desculpe, não!

– Onde esteve, o que aconteceu? Ficamos preocupados.

– Anely, eu nem sei por onde começar. A única coisa sensata que me lembro foi deixar você e Pepito em meio às chamas e destruição do Vilarejo, correr para a escarpa rochosa. Dormi em uma mina e quando acordei encontrei tudo diferente.

– Tom olhe para mim, você está bem?

Surpresa antes da resposta, ela o segurou firme, apalpou a sua nuca, o seu tórax e o virou para verificar a suas costas a procura de algum ferimento.

– O que foi, o que procura? Eu estou bem. Pare! Já disse o que houve!

– Você está estranho Tom, sua voz, cabeludo e, ainda mais, com esses pelos no rosto.

– Pelos?- Levou a mão ao rosto para constatar.

Seu espanto foi notado pela moça.

– Desculpe Anely, preciso ver meus pais, meu irmão, preciso contar o que vi.

Anely percebeu a confusão do amigo, o segurou pelos antebraços, olhou em seus olhos e procurou palavras para não o ferir ainda mais.

– Tom, pare e me ouça. O meteorito que destruiu o Vilarejo há três anos, também tirou a vida de nossos pais, você não se lembra?

– Três anos?! Impossível! Todo esse tempo? – Pensou em silêncio.

Em estado de choque, quase petrificado com o que acabara de ouvir, desabou ficando de joelhos.

– Anely e meu irmão, onde está?

Anely carinhosamente pegou a sua mão, o fez levantar e segui-la. O antigo quartinho dos fundos que restou do ferraria foi reconstruído e anexados uma cozinha, dois quartos e uma varanda que a contornava em “L”. Ela abriu a porta e o convidou a entrar.